

CORRESPONDÊNCIA 1943-1977

Jorge de Sena e João Gaspar Simões

*Organização, estudo introdutório e notas
de Filipe Delfim Santos
Lisboa: Guerra & Paz, 2013*

Ramiro Teixeira*

Confesso que a publicação desta correspondência, com um estudo introdutório, organização e notas de Filipe Delfim Santos, me motivou particularmente dado que tive Simões por meu mestre iniciático na crítica literária. Podemos hoje discutir a valia dos seus romances, que muitos foram, do seu teatro, porventura o teor das suas resenhas críticas, que era uma atividade de todo inconsistente até ele a assumir de corpo inteiro. Mas não podemos desconhecer que foi *alguém* na literatura. Em terra de cegos, se não foi rei deus, pelo menos, olhos para ver. Falou de tudo e de todos: de gente mítica e de gente obscura para o nosso meio, estando a par dos sucessos da literatura universal, em oposição à prática do ensino académico de então (e ainda por mais alguns anos) confinada praticamente à literatura portuguesa desde a Idade Média ao século XIX.

Foi um pioneiro, um bandeirante no sertão da crítica literária contemporânea, para mais com uma visão humanista da literatura, ainda que com tiques freu-

dianos, impressionistas e excessivamente biográficos e alguns deslizes opinativos. Mas sempre apaixonadamente vivaz, militante em extremo, enfim, incontornável.

Quanto a Jorge de Sena, também crítico, historiador e teórico da literatura, dramaturgo, ficcionista, poeta, tradutor, etc., confesso que o meu interesse pela sua obra foi bastante posterior e nem sempre o compreendi em algumas das suas múltiplas expressões literárias, como aliás muita da inteligência literária de então.

A somar a estas dependências, tive sempre presente as desavenças que Simões e Sena criaram entre si, desde logo ao redor da caracterização da *Presença*, ainda que aparentemente sem contaminação nas relações entre ambos. E mesmo considerando as que se seguiram, de leviana gravidade, tal facto não impediu Simões de ter sido o crítico que mais falou de Sena e mais elevadamente o considerou.

Como refere George Monteiro nesta recolha de correspondência, um dos organizadores do Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa na Brown University, realizado em Santa Bárbara, na Califórnia, em 1977, naturalmente com a participação de Sena e com a presença destacada de Simões, aliás por recomendação expressa daquele, a junção destas duas grandes figuras da literatura portuguesa configurou-se como o *encontro de dois generais de exércitos opostos, depois de anos de duros combates...*

A justeza desta expressão quanto ao perfil literário de ambos, não o é tanto em relação aos campos de batalha em que ambos se envolveram, e que tiveram por

* Crítico literário e ensaísta.

motivo comezinho as recensões que Simões produziu sobre “Perseguição” e particularmente sobre a “Coroa da Terra”. Em meu entender tenho como dado adquirido que a formação destas duas grandes personalidades literárias os situava nos antípodas. Assim João Gaspar Simões que, no que escreveu, concordasse-se ou não com ele, foi sempre *claríssimo* nos seus pontos de vista, enquanto Sena era *rebuscado*² e intempestivo em demasia, modo peculiar de assinalar a convicção de se julgar mal-amado, inventariando amiúde azedumes e mal querenças, como bem o demonstra em algumas das *Correspondências* entretanto publicadas e inclusive nesta. Além de que, ainda segundo o meu ponto de vista, enquanto Simões era basicamente *afrancesado*, mesmo quando cuidava de autores ingleses e combatia a nossa dependência à cultura francesa, Sena era por demais saxónico, razão pela qual Simões não hesitou em designá-lo como *estrangeirado*.

Em 1942, quando Sena publica *Perseguição*, uma das raras críticas que almeja é a de Simões, que a elabora englobando Tomaz Kim e Ruy Cinatti, enquanto jovens poetas dos *Cadernos de Poesia*, dando-o como *o mais meditativo, o mais culto, o mais amplamente preparado já para a especulação intelectual*, ainda que não *o mais dotado de talentos poéticos*. E conclui: *‘Perseguição’ é uma promessa de vulto. Não sei se Sena virá a ser um poeta, se um ensaísta, se um moralista, o que sei é*

haver neste livro uma personalidade: uma alma e uma inteligência se digladiam nele.

Perseguição, aliás, teve de esperar pelo ano de 1980 para que criticamente fosse apresentada com desenvoltura (*O Código científico-cosmogónico-metafísico de ‘Perseguição’ de Jorge de Sena*, de Alexandre Pinheiro Torres, Lisboa, Moraes Editores), ainda que de teor por demais fantasista, imaginoso e não menos hermético.

Decerto que a paixão à literatura unificava Sena e Simões, particularmente no interesse que ambos demonstravam sobre o chamado romance psicológico e Pessoa, mas já em relação à *Presença* eram de visões divergentes, tal como eram os seus currículos académicos: Sena era formado numa área técnica, enquanto Simões era em Direito.

Este último considerando levanta uma outra questão que até aos dias de hoje não colhi explicação cabal para ela: como é que Sena, formado em Engenharia, com uma juvenil passagem na Escola Naval e depois com assento no exército, em Penafiel, residindo a espaços entre Lisboa e o Porto, para não citar a presença estival na Figueira da Foz, e sem obra publicada, veio a estabelecer consolidadas amizades, desde muito cedo, com a elite literária de então, praticamente na condição de *aprendiz das letras*?

Coroa da Terra foi publicada em 1946, graças ao engenho de Ribeiro Couto que, desafiado pelo livreiro José Lello para editar uma obra sua, escusou-se com os vínculos que tinha com a editora brasileira, propondo-lhe, em alternativa e em público, a publicação de um livro de um jovem poeta português a quem vaticini-

² Ver o prefácio de Jorge de Sena sobre a Obra Completa de António Gedeão, editada pela Sá da Costa, a título de exemplo.

nava um futuro literário promissor, justamente Jorge de Sena, presente no evento de acolhimento a Ribeiro Couto na Liv. Lello. Diga-se, de passagem, que as impressões que Sena regista sobre Ribeiro Couto em *Diários*, o poeta que o acolhia em sua casa e onde Sena procedeu a uma leitura do seu *Indesejado*, são de um desprezo incompreensível.

Coroa da Terra desde logo registou polémica, se assim considerarmos a reação de Sena às críticas nada abonatórias que a obra registou, de uns por umas razões, de outros por outras, com destaque para as recensões de Álvaro Salema, António Ramos de Almeida, Casais Monteiro, Jaime Brasil, João Gaspar Simões e João Pedro de Andrade.

De todas, a de Simões é, sem dúvida, a mais lúcida e aprofundada, quer ao não considerar o título sob a forma de um poema único por falta de unidade, posição reivindicada por Sena, quer denunciando o dilema em que aparentemente a sua poesia de então se debatia, dando-o como fazendo parte *daqueles estranhos espíritos que, sendo lucidíssimos na intimidade do seu pensamento, creem que conceber lucidamente é quanto basta para claramente se ser entendido. Sim, o que torna verdadeiramente singular o caso de Jorge de Sena é essa espécie de desentendimento entre o homem que concebe, cômico do que supõe conceber, e o homem que realiza na perfeita embriaguez de estar realizando a mais clara das concepções (...) Jorge de Sena julga superar toda a espontaneidade, julga dominar toda a gratuitidade, julga transcender toda a circunstancialidade de que as suas poesias são filhas para, conscientemente, seguramente, afirmativamente, lhes dar*

um sentido, sentido esse que o leitor apenas tem o direito de saber contido nelas depois de o poeta publicamente o declarar... (pp. 59/61).

A opinião, de todo não displicente, ficou agravada pela atitude contumaz de Sena em relação ao que de menor da sua obra dissessem, sendo em vão que Casais Monteiro, por exemplo, o doutrinava: *Você tem de se habituar a não confundir com notoriedade pública a consideração que os seus amigos têm por si.*³

Tal como Mark Harris⁴, Sena resumia o desencontro com a crítica e os leitores da seguinte forma: *Eu escrevo. O leitor que aprenda a ler.*

No mais, a longa resenha de Simões é amistosa e exaltante sobre as qualidades do poeta, considerandos que Sena na carta que lhe dirige reconhece, mas que, em rigor, se lhe configuram envenenados, acabando por servir-se deles para ripostar *ao ataque* de que se julga vítima, esclarecendo: *Não fosse a muita amizade e sincera admiração que, na sua crítica, encontro acompanhadas de uma extrema delicadeza em não me ferir, e não lhe escreveria longamente, como me proponho fazer; agradeceria de viva voz, com a mesma gratidão, mas nada mais...* (p.70).

Não me consta ou pelo menos não possuo registo de Sena ter reagido de maneira idêntica em relação aos demais *depreciadores* da obra acima descritos. E isto me leva a equacionar se a relação Simões/Sena não foi afetada por uma espécie de

³ In "Diários". Jorge de Sena, edição de Mécia de Sena, Porto: Edições Caixotim, 2004, p. 45.

⁴ Mark Harris (1922-2007), escritor e particularmente um biógrafo literário.

complexo de Édipo instalado em Sena. Porque a realidade é esta: Sena, mais novo 16 anos do que Simões, decerto que o não tinha por modelo a seguir, mas invejava-lhe, se me é permitida a expressão, a posição de que aquele desfrutava no meio literário. De forma consciente ou inconsciente *sentia* que tinha de *matar o pai* que não só o analisava criticamente sobre o que escrevia, naturalmente com um ascendente que Sena não suportava, como lhe proporcionou emprego e não poucas encomendas de textos pagos. Além de que ambos se dedicavam praticamente às mesmas áreas, com assento de escrita em quase tudo o que se publicava. E ambos, ainda, foram orientadores literários em editoras, um na Portugália, outro em Livros do Brasil e ambos, finalmente, dirigiram revistas referenciais como a *Presença* e os *Cadernos de Poesia*. Conclusão: até que ponto Sena, no mais fundo de si, não desejava substituir Simões na liderança de que este desfrutava?!

Ainda segundo o meu ponto de vista, Sena nunca foi um poeta de sensibilidades, de comoções líricas ou a passar por isso. Por demais cerebral, por demais *pensante*, estava tão fora dos parâmetros da época como Pessoa, circunstância então agravada pelo crescente dogmatismo ao redor do neorrealismo. Mas o mais interessante no percurso de Sena é que, a breve trecho, muita da sua escrita, prosódica e poética, vem a caracterizar-se não só pelo apoucamento das situações que denuncia ou regista, como igualmente pelo aparente gozo que delas retira, configurando-se como uma espécie de Nicolau Tolentino deste tempo. Assim *O Reino da*

Estupidez, Diários, Visão Perpétua, Dedicácias, etc., monumentos da sua veia sarcástica, verrinosa e *contabilística* de assentos vários ao redor da sua existência literária, e que o levam a declarar, no rescaldo do Prémio Camilo Castelo Branco, em 1961, em carta enviada do Brasil⁵ dirigida a José Saramago, em parte reproduzida a páginas 32 desta correspondência, o seguinte: *Fui um anti-presencista, anti-neorrealista, anti-tavolagem, anti-Faculdade-de-Letras. Estou praticamente exilado. Como queria V. que eles me dessem o prémio? (...) Eu creio, definitivamente, que esse país é, do ponto de vista da moral literária, uma merda. Há professores oficiais, presencistas oficiais, comunistas oficiais, putas oficiais, tudo é oficial. E um prémio dado por essa gente não poderá deixar de ser oficial.*⁶

Coisas destas só mesmo de Senal! Então não teve ele em Portugal sempre empregos *oficiais*, primeiro na Câmara Municipal de Lisboa e depois na Junta Autónoma das Estradas? Claro que, logo de seguida, para escapar à incoerência, dirá que foi a editora que sujeitou a obra ao prémio e não ele...

Algumas destas questões emergem colateralmente através desta *Correspondência*, a qual se inicia praticamente com a nascente conflitualidade que se veio a gerar a propósito da resenha de Simões sobre a *Coroa da Terra*. Seguramente res-

⁵ Sena emigra para o Brasil em 1959, adquirindo a nacionalidade brasileira, e em 1965 para os USA onde veio a falecer em 1978.

⁶ Reproduzido a pp. 33, dando o texto fazendo parte de uma *correspondência inédita* entre Sena e Saramago (ed. Gilda Santos, *Ipotesi*, Juiz de Fora, MG, 15-1, 229, Jan/Jun.).

sentido, Sena contabilizou a crítica de Simões no *deve* da sua contabilidade pessoal, vindo depois a acrescentar-lhe o débito definitivo e consequente encerramento de contas, entenda-se fim de amizade, aquando da atribuição do Prémio Camilo Castelo Branco, em 1961.

Acalentando a ideia de vir a ganhar o prémio supra pela publicação do seu livro de contos *Andanças do Demónio*, Sena conheceu a frustração de o mesmo ter sido atribuído a *A Gata e a Fábula*, de Fernanda Botelho.

Tanto quanto se sabe ou se julga saber, o despique fez-se justamente entre estes dois títulos, tendo votado a favor de *A Gata e a Fábula*, David Mourão-Ferreira, Jacinto Prado Coelho e Simões, que antes da votação teve artes de fazer prevalecer o género romanesco sobre o conto... Em favor de *Andanças do Demónio* votaram Óscar Lopes e Mário Dionísio...

Tendo como certo que ambas as obras possuíam merecimento para a atribuição do prémio, razão pela qual eram finalistas entre outras de escritores de não menor craveira, desde logo Aquilino e Abelaira, a questão resolveu-se, *aparentemente*, através das afinidades seletivas e dos *jogos* afins que implicaram. Assim Óscar Lopes que, a menos de um mês da atribuição do prémio, publica uma recensão abonatória sobre o título de Sena no jornal *Comércio do Porto* (11/4/61). Depois porque David Mourão-Ferreira tinha como cofundadora da revista *Távola Redonda* a Fernanda Botelho... E finalmente João Gaspar Simões que, ao estabelecer a hierarquia dos géneros, é possível tê-lo feito com intenções premeditadas. Quan-

to a Jacinto Prado Coelho, se outras razões não existiram, digamos que votou ao lado daqueles que lhe eram mais *consanguíneos*.

É essencialmente a partir deste episódio que Sena se distancia de Simões, terminando o anterior carteio em que já só acertava o envio de textos que aquele lhe propunha para as publicações que dominava. A amizade e a lealdade de outrora rompe-se agora sem aparente retorno, ajudadas pela ausência de Sena no Brasil e depois nos USA, remetendo para o olvido não só a ajuda de Simões nos primeiros tempos de afirmação de Sena, quer contratando-o na qualidade de tradutor, revisor e prefaciador para a Portugália logo em 42, quando então exercia as funções de diretor literário na editora e da qual viria a ser despedido intempestiva e ofensivamente em 1945 – episódio que Sena dá a conhecer em *Diários*, registando: *Fiquei muito grato ao G. Simões, a cuja disposição me pusera na questão com a Portugália, de que o correram como nem às criadas se faz, por não me ter dado como testemunha, preocupado com não prejudicar-me, pela dúvida que lhes era um instrumento de vingança* (p. 42) – como depois disso e amiúde nunca deixou de lhe encomendar textos pagos, atento aos pedidos anteriores de Sena em tal sentido, em face das suas dificuldades financeiras, primeiro para acabar o curso e depois para manter a família.

O curioso desta relação é que a partir do final da década de 60 do século passado, cabe a Simões o martirólogo de viver *efetivamente* mal-amado e desconsiderado, em contraponto com ascensão de Sena à cátedra estrangeira e à

mais elevada consideração. E não menos curioso ainda é o facto de ser precisamente neste período, de grave e injusta desconsideração que Simões experimenta, que Sena, mesmo à distância, atento às resenhas daquele sobre as suas obras que entretanto ia publicando, reata a amizade perdida, primeiro por carta em 1977, depois em Coimbra aquando da evocação da *Presença*, e por fim nos Estados Unidos, acabando emocionados nos braços um do outro!

Mas vamos à correspondência: de João Gaspar Simões são reproduzidas 13 cartas; 11 das quais, entre 1943 e 1976, sucintas na composição e de muito pouco interesse, tendo genericamente por motivo propostas de colaboração literária e afins. Diferentes são as duas restantes, datadas de 1977, especialmente porque nas entrelinhas se dá a conhecer o prazer da aproximação que se esboça entre ambos.

Quanto às cartas de Sena, não mais do que sete, dividem-se em dois grupos: o primeiro composto por duas cartas, datadas dos anos 1946 e 1952, e as restantes do ano de 1977. A primeira é de fundamental importância para o conhecimento da crise que virá a estabelecer-se entre ambos, constituindo, em rigor, uma contracritica à resenha de Simões sobre a *Coroa da Terra*, à qual Simões, no carteiro que se lhe segue a pretexto de outro assunto, não comenta, declarando logo no início: *Esta carta não é uma resposta à sua* – ao que acrescenta no final: *Conversaremos qual-quer dia sobre as nossas 'divergências'*.

Não houve um dia para isso pela razão simples de Sena não mais se cartear com Simões, a não ser em 22/2/52, para lhe agradecer *sucintamente* a crítica sobre

o *Indesejado* e mesmo assim com uns quantos remoques...

Não sei se estas e outras razões motivaram Simões a escrever o que se segue, mas parece-me oportuno recordar o facto:

Críticos e criticados estão sempre em terrenos opostos. Dir-se-á que são inimigos e que a atividade de uns não representa o mais válido esforço para tornar meritória a existência dos outros. Porque a verdade é esta: se o crítico, como dizia Saint-Beuve, é um homem que sabe ler e ensina a ler os outros, ninguém melhor do que ele pode colaborar na perfeita consciencialização da literatura. Ser lido, e lido o melhor possível, eis, por certo, o objetivo último de todo o escritor.⁷

Quanto às registadas em 1977, é importante a última não só pelo entusiasmo que Sena reflete na orientação e preparação da viagem de Simões até aos Estados Unidos, onde ambos se encontrarão no simpósio sobre Pessoa, como nos dá uma ideia sobre o funcionamento do departamento destinado ao ensino da literatura de língua portuguesa, porventura mais virado para a parte brasileira do que para a portuguesa.

No genérico, porém, abstraindo a carta onde Sena opõe a sua contracritica à resenha de Simões, o conjunto é pobre e de escasso interesse.

A meu ver, por esta razão, Filipe Delfim Santos procurou enriquecer o volume incluindo a crítica de Simões sobre a *Coroa da Terra*, dando assim o conteúdo indispensável para bem compreendermos a posição de Sena na sua carta de 6/7/46. Todavia não se ficou por aqui, pois que

⁷ In "Literatura, Literatura, Literatura". Lisboa: Portugal, 1964, p. 23/4.

acabou reproduzindo não só muitas das resenhas de Simões sobre Sena, como inclusive a que produziu sobre a obra de Eugénio Lisboa intitulada *Estudos sobre Jorge de Sena*. Ao que acrescenta ainda o extrato duma carta de Rui Knopfli a Sena, uma outra deste dirigida a George Monteiro, e finalmente o testemunho deste último sobre os meandros do Simpósio Internacional de Pessoa e bem assim a avaliação pessoal das intervenções que Simões e Sena produziram no evento, com destaque para a limpidez da comunicação de Simões na abertura, em contraste com a comunicação de Sena no encerramento, prolixa em interpolações que não faziam parte do texto original. E finalmente o carteiro de Mécia de Sena para Simões e para o próprio organizador da edição, a quem presta o seu depoimento pessoal sobre os anos 40, no qual dá relato como conheceu, namorou e casou com Jorge de Sena.

O que daqui resultou é uma miscelânea que de algum modo desvirtua o título da obra. Mas que, não obstante, tem a sua importância, porventura até de feição mais interessante do que a correspondência propriamente dita entre Sena e Simões. Antes de mais porque se recolhe aqui a fortuna crítica da obra de Sena ao nível daquele que mais dela falou; depois porque na *outra* correspondência que se mistura com a dos titulares se exprimem pontos de vista alheios e à margem das razões e sentimentos que pautaram a correspondência entre ambos.

O mais é o ‘Estudo Introdutório’ de Filipe Delfim Santos, laborioso e conscientemente abrangente, recreando e interpretando ideias própria e alheias, aten-

to sobre grande soma de pormenores, como, aliás, são as profusas *notas* disseminadas pelos textos que recolhe.

Aqui chegado, permito-me salientar uma dúvida que tenho.

A propósito de “O Indesejado”, Filipe Delfim Santos dá por três vezes a leitura da peça em outros tantos locais: em casa de Ribeiro Couto, na Liv. Portugália, no Porto, e na casa de João Gaspar Simões, conhecida como *Casa do Dragão*.

Acontece que tenho a ideia, não sei se por leitura algures, se por conversa com Álvaro Bordalo⁸, da existência de uma outra sessão de leitura pública nas instalações da revista *Portucale*, no Porto, na rua Mártires da Liberdade, onde já se acolhera *A Águia/Renascença*, não sendo demais recordar que o título foi editado pelos ‘Cadernos das Nove Musas’, que era, julgo, a chancela editorial da *Portucale, Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*, ao tempo da sua ‘Nova Série’, iniciada em 1946.

Julgo também que essa leitura ocorreu se não antes do namoro de Sena com Mécia, pelo menos em período preliminar, razão pela qual admito ser do desconhecimento desta e consequentemente de todos aqueles que sobre a matéria ou a época a têm como fonte.

⁸ Álvaro Bordalo (de Andrade e Sá Donas-Boto), 1909-1986, foi um dos dirigentes da revista “Portucale” e notável bibliófilo.